

CONTRAPODER, DEMOCRACIA PARTICIPATIVA E DEFESA REVOLUCIONÁRIA

Debatendo *Black Flame*, anarquismo revolucionário e marxismo histórico

Lucien van der Walt

Resumo

Este texto constitui uma síntese da resposta às críticas do anarquismo realizadas na revista *International Socialism*; ele foi publicado na edição de número 130 desta mesma revista, visando aprofundar o debate sobre o anarquismo e o sindicalismo de intenção revolucionária (ou apenas “sindicalismo”, conforme tradução deste texto). Respondendo aos críticos marxistas, van der Walt passa por questões como luta armada, democracia, organização política e Revolução Russa, além de evidenciar similaridades e diferenças entre o anarquismo e outras correntes socialistas, especialmente as variantes históricas do bolchevismo.

Palavras chave: Anarquismo, sindicalismo, bolchevismo, Revolução Russa

Este artigo responde às críticas feitas à ampla tradição anarquista em *International Socialism*, uma revista da Tendência Socialista Internacional (IST).¹ Discutirei temas como: utilização de fontes, defesa de revoluções e liberdade, anarquistas espanhóis, anarquismo e democracia, papel histórico do marxismo e Revolução Russa.

Os artigos que discuto são marcados por louváveis boas intenções; esforço-me para seguir na mesma linha. Paul Blackledge rejeita o “não debate caricaturado”.² Ian Birchall salienta que “as fronteiras entre o anarquismo e o marxismo são muitas vezes

¹ Desenvolvi melhor os argumentos deste texto num outro trabalho intitulado “Detailed reply to International Socialism: debating power and revolution in anarchism, *Black Flame* and historical Marxism” e que pode ser acessado em: <https://lucienvanderwalt.wordpress.com/2011/07/04/journal-anarchism-black-flame-marxism-and-the-ist-debating-power-revolution-and-bolshevism/>.

Agradeço Shawn Hattingh, Ian Bekker, Iain McKay e Wayne Price pelos comentários.

² Blackledge, 2010, p. 132.

turvas”.³ Leo Zeilig elogia o livro que escrevi com Michael Schmidt, *Black Flame: the Revolutionary Class Politics of Anarchism and Syndicalism*, falando que ele realiza “um relato fascinante”.⁴

Isso é importante para notar em que convergimos. O IST sustenta que defende o socialismo construído de baixo para cima por meio de uma revolução. Se Marx, Lênin e Trotsky são invocados aqui, é porque se considera que a “essência” de suas obras contribui com a “autoemancipação da classe trabalhadora”.⁵ O termo “ditadura do proletariado”, Leo insiste, significa apenas “a defesa democrática do poder da classe trabalhadora” por meio de “órgãos de auto-organização; conselhos, sindicatos, comunas, etc.”.⁶

De todo modo, os anarquistas defenderam a autoemancipação da classe trabalhadora. Para Mikhail Bakunin e Piotr Kropotkin, a revolução social exige um movimento protagonizado por “trabalhadores e camponeses”, “as duas únicas classes capazes de tão poderosa insurreição”.⁷ A “nova ordem social” seria construída “de baixo para cima” com “organização e poder das massas trabalhadoras”.⁸ As classes populares “tomariam para si a tarefa de reconstruir a sociedade”⁹, por meio do *contrapoder* e da *contracultura* revolucionária, sem e contra a classe dominante, o Estado e o capital.

Temos diferenças reais também e isso requer, mesmo que mantendo o companheirismo, fazer uma discussão franca. O primeiro passo para evitarmos o “não debate caricaturado” é nos ocuparmos seriamente do que Leo chama da “muitas vezes turva” história da ampla tradição anarquista. É uma pena que a resenha de Leo tenha se concentrado em refutar (como vou mostrar, de modo não convincente) aquilo que *Black Flame* sustenta sobre o marxismo mais conhecido. O ponto central de *Black Flame* não é estudar o marxismo, mas os 150 anos de tradição do anarquismo e do sindicalismo – um movimento de massas com uma teoria sofisticada, geralmente caricaturado pelos marxistas.

³ Birchall, 2010, p. 177.

⁴ Zeilig, 2009, pp. 221-222. Utilizo o termo “sindicalismo” para me referir ao sindicalismo de intenção revolucionária que combina lutas diárias com o objetivo de tomar os meios de produção. Ele surgiu a com o setor anarquista da Primeira Internacional, constitui uma estratégia anarquista e todas as suas formas são parte da “ampla tradição anarquista”.

⁵ Blackledge, 2010, p. 132.

⁶ Zeilig, 2009, pp. 221-222.

⁷ Bakunin [1870], pp. 185, 189, grifo no original.

⁸ Bakunin, 1953, pp. 300, 319, 378.

⁹ Kropotkin [1912], p. 188.

Benedict Anderson observou que a ampla tradição anarquista foi, por muito tempo, o “elemento dominante na esquerda radical internacionalista autoconsciente”, “o principal veículo de oposição ao capitalismo global, à autocracia, ao latifundiarismo e ao imperialismo”.¹⁰ Em 1950, seus movimentos eram, muitas vezes, maiores do que os de seus rivais marxistas. Em seus anos sombrios, durante a década de 1980, a tradição manteve-se importante em sindicatos e lutas armadas na Ásia, na América Latina, no sul da Europa e na clandestinidade em Cuba e na União Soviética.¹¹

Hoje, os anarquistas são importantes nos “mais determinados e combativos movimentos” que lutam contra a globalização capitalista.¹² Em 2007, um encontro sindicalista em Paris reuniu 250 delegados de todo o mundo, sendo que os africanos constituíam o maior agrupamento continental.¹³ Há uma disseminação global de valores anarquistas: organização pela base e ação direta fora do sistema político oficial.¹⁴

Concordo com Paul e Leo que os anarquistas têm tratado os marxistas de maneira caricatural, mas o inverso também é verdadeiro – muitas vezes porque os marxistas usam fontes não confiáveis ou hostis, descartando outros relatos considerados “liberais” etc. Ian louvavelmente distancia-se dos ataques bizarros de Hal Draper, de que Bakunin defendia a ditadura etc.¹⁵ Draper distorceu a posição dos anarquistas por meio da manipulação e da fabricação.¹⁶ Ian, em vez disso, cita as memórias do ex-anarquista Victor Serge.¹⁷ Serge, no entanto, não é confiável. Ele alega, Ian observa, que o grupo anarco-sindicalista *Golos Truda* “fez causa comum” com os bolcheviques; na verdade, ele acusou o bolchevismo de defender o capitalismo de Estado e a ditadura, sendo reprimido por isso.¹⁸ Os materiais do movimento anarquista *em si* – especialmente o de suas principais correntes – merece ser analisado com maior compromisso e sem preconceitos.

ANARQUISMO E FORÇA REVOLUCIONÁRIA

Os anarquistas realmente negam a necessidade das classes populares estarem “organizadas ideológica, política e militarmente” para defender a revolução, como

¹⁰ Anderson, 2006, pp. 2, 54.

¹¹ Veja o artigo on-line para citações completas.

¹² Meyer, 2003, p. 218; Epstein, 2001.

¹³ “Conférences Internationale Syndicales-I07”, www.anarkismo.net/article/5434

¹⁴ Goaman, 2004, pp. 173-174.

¹⁵ Birchall, 2010, pp. 179-180, referindo-se a Draper, 1966, capítulo 4.

¹⁶ Keffer, 2005.

¹⁷ Birchall, 2010, p. 178, de maneira notável Serge’s *Revolution in Danger*.

¹⁸ Thorpe, 1989, pp. 96, 98, 100, 164, 179, 197, 200.

afirma Paul?¹⁹ Na *própria* avaliação que Leo realizou de *Black Flame*, ele admite que o livro mostra que a maioria das correntes anarquistas insistiram na necessidade de “coordenar a defesa da revolução contra os inimigos internos e externos”.²⁰ Poucos sindicalistas esperavam por uma “revolução sem derramamento de sangue”, mas não a maioria.²¹

Bakunin queria que “exército [...], sistema judicial [... e] polícia” existentes fossem substituídos por “barricadas permanentes”, coordenadas por delegados com “mandatos sempre revogáveis” e “expansão da força revolucionária” entre “países rebeldes.”²² Essa é a “força revolucionária” utilizada para a *emancipação*, e não para a opressão²³, cujo fundamento encontra-se nos camponeses e nos operários “federando” seus “batalhões de combate, distrito por distrito, garantindo uma defesa coordenada comum contra os inimigos internos e externos.”²⁴ Ser antiautoritário *implica* uma luta enérgica contra os opressores; isso não é uma contradição, como o próprio Engels afirmou.²⁵

A necessidade de utilização da “força revolucionária” foi reconhecida pela maioria dos principais anarquistas: Kropotkin, Piotr Arshinov, Alexandre Berkman, Camillo Berneri, Buenaventura Durruti, Emma Goldman, Praxédis Guerrero, Li Pei Kan (“Ba Jin”), Liu Sifu (“Shifu”), Ricardo Flores Magón, Errico Malatesta, Nestor Makhno, José Oiticica, Albert Parsons, Domingos Passos, Rudolph Rocker, Shin e Kim Ch’aeho Jao-jin. Eles estimularam a criação de milícias anarquistas e sindicalistas na China, em Cuba, na Irlanda, na Coréia/Manchúria, no México, na Espanha, na Rússia, na Ucrânia e nos Estados Unidos.²⁶ Essa era a posição majoritária, por exemplo, dos anarquistas da Primeira Internacional depois de 1872, da Associação Internacional dos Trabalhadores sindicalista de 1922, da Eastern Anarchist League de 1927, da Korean People’s Association na Manchúria e da Confederación Nacional del Trabajo (CNT) na Espanha.

Paul diz: “Uma vez que os movimentos sociais sejam fortes o suficiente para apontar uma verdadeira alternativa ao *status quo*, os Estados intervirão com o objetivo

¹⁹ Blackledge, 2010, pp. 136, 139, 142.

²⁰ Zeilig, 2010, p. 222. Cf: Van der Walt e Schmidt, 2009, capítulos 4 e 6.

²¹ Por exemplo, Chaplin [1933].

²² Bakunin [1869], pp. 152-154; Bakunin [1870], p. 190.

²³ Bakunin [1865], p. 137.

²⁴ Bakunin, [1870], p. 190.

²⁵ Engels [1873], 1972. Cf: McKay, *The Anarchist FAQ*, seção H4.7.

²⁶ Veja o artigo on-line para referências, e “Declaração dos Princípios do Sindicalismo Revolucionário”: Thorpe, 1989, p. 324.

de suprimi-los”.²⁷ Que anarquista negaria isso? Dar a entender que os anarquistas e sindicalistas ignoram o Estado é equivalente a insistir que o marxismo ignora capitalismo.

Em geral, os anarquistas não concordam com o autoproclamado marxista John Holloway, quando ele fala em *mudar o mundo sem tomar o poder*.²⁸

Paul sustenta que a CNT ligou-se à Frente Popular espanhola em 1936 porque os anarquistas necessitavam de um plano para “coordenar a oposição militar ao fascismo de Franco”.²⁹ Na realidade, eles *violaram* a política da CNT e a conduziram pelo medo do isolamento e da luta em duas frentes. Desde a década de 1870, anarquistas espanhóis concentram esforços para “aniquilar o poder do Estado” por um “poder de fogo superior”.³⁰ A partir de 1932, a CNT e a Federação Anarquista Ibérica (FAI) organizaram insurreições, enfatizando a necessidade de defesa armada e coordenação de um Conselho Nacional Revolucionário.³¹ Isso foi novamente defendido nos congressos da FAI e da CNT em 1936³², permaneceu como política oficial em agosto de 1936 e foi parcialmente implementado no Conselho de Aragão.³³ Em 1937, os dissidentes Amigos de Durruti *reiteraram* isso, conclamando um Conselho de Defesa Nacional e não a Frente Popular.³⁴

ANARQUISMO, DEMOCRACIA E DEFESA ARMADA DA REVOLUÇÃO

Qual é o lugar da democracia participativa, do debate e da liberdade neste cenário? Primeiro, FAI / CNT / Amigos de Durruti insistiram: a defesa militar coordenada estava *submetida* aos objetivos fundamentais da revolução – autogestão, coletivização e emancipação – e aos órgãos de contrapoder das classes populares. Repetindo os argumentos de Bakunin, o Conselho Nacional de Defesa seria “eleito pelo voto democrático” e contaria com mandato revogável.³⁵ Entregar o poder a oficiais ou a um grupo revolucionário destruiria a revolução *por dentro*, algo tão certo quanto a derrota externa.

²⁷ Blackledge, 2010, p. 139.

²⁸ Holloway, 2005.

²⁹ Blackledge, 2010, p. 139.

³⁰ Maura, 1971, pp. 66, 68, 72, 80-83.

³¹ Gómez Casas, 1986, pp. 137, 144, 154-157.

³² Gómez Casas, 1986, pp. 171, 173-175; CNT [01 de maio de 1936], pp. 10-11.

³³ Paz, 1987, p. 247.

³⁴ Amigos de Durruti [1938, 1978], p. 25.

³⁵ Amigos de Durruti [1938, 1978], p. 25.

Em segundo lugar, a revolução deveria chegar ao *comunismo libertário*, ou seja, ela defende a liberdade e é contrária ao capitalismo, ao Estado e à opressão. Em vez da noção do falecido Tony Cliff, que acreditava ser aceitável que as “táticas contradissem princípios”³⁶, os anarquistas insistiram que os meios deveriam corresponder aos fins, porque os primeiros moldam os segundos.

A defesa da revolução *necessariamente* inclui a defesa das estruturas e dos processos democráticos e participativos, além dos direitos políticos e civis. O coração democrático do contrapoder não pode ser excluído para “salvar” a revolução: *ele envolve tanto os meios quanto o fim*.

O sistema básico seria o autogoverno popular por meio de assembleias de trabalhadores/vizinhos e conselhos compostos de delegados com mandatos revogáveis, com direitos fundamentais completamente protegidos. Como escreveu Diego Abad de Santillán, os anarquistas “opõem pela força aqueles que os tentam subjugar em nome de seus interesses ou de seus conceitos”, mas não “recorrem à força contra aqueles que não partilham seus pontos de vista”.³⁷

A coerção legítima é aplicada no caso de ameaças externas, incluindo a classe dominante contrarrevolucionária e o crime antissocial interno; a maioria dentro do sistema é impedida de oprimir dissidentes internos e minorias; dissidentes internos são impedidos de romper por meio da utilização da força. O anarquismo constitui o programa revolucionário orientador, pois é *livremente aceito pelas classes populares por meio do debate e da democracia participativa*, em estruturas multitendências de contrapoder.

A rejeição da “ditadura do proletariado” marxista pela maioria do movimento anarquista/sindicalista *nunca* se baseou na rejeição da necessidade de se defender a revolução. Ela surgiu da posição que considera que a “ditadura do proletariado” marxista era, na verdade, uma “ditadura *sobre* o proletariado”.

“DEMOCRACIA REAL”, ANARQUISMO E COMUNA DE PARIS

Por isso, é estranho que Paul afirme (repetindo Draper) que os anarquistas rejeitam a “possibilidade de democracia real”.³⁸ Se “democracia” significa o governo do povo, o anarquismo é radicalmente democrático. Bakunin e Kropotkin viram o Estado

³⁶ Birchall, 2010, p. 175.

³⁷ Abad de Santillán [1937], p. 47.

³⁸ Blackledge, 2010, pp. 133-134, 136, 143-144.

como um sistema centralizado, hierárquico, de poder territorial, dirigido pela e para a classe dominante. Nele, “todas as aspirações reais, todas as forças vivas de um país ingressam generosa e felizmente”, apenas para serem “mortas e enterradas”.³⁹

O sistema de classes é definido tanto pelas *relações de produção*, expressas no controle desigual dos meios de produção, quanto pelas *relações de dominação*, expressas no controle desigual dos meios de coerção, que impõem fisicamente decisões, e dos meios de administração, que governam a sociedade.⁴⁰

Os meios de coerção e de administração são centralizados no Estado, controlados pelos gestores estatais: altos funcionários, juízes, chefes militares, prefeitos, parlamentares. Os capitalistas são apenas *parte* da classe dominante; aqueles que dirigem o Estado são sempre membros da classe dominante; a classe dominante é sempre constituída por uma minoria exploradora e dominadora; o Estado é centralizado para que esta minoria possa governar a maioria. (Os marxistas têm uma definição diferente, mas é bom se ter clareza da definição dos anarquistas).

O contrapoder das classes populares, para os anarquistas, *não pode* ser expressado por meio de um Estado.⁴¹ O antiestatismo anarquista surge *do* reconhecimento do caráter de classe profundamente antipopular do Estado.⁴² No lugar de Estados e corporações, anarquistas/sindicalistas defendem que os meios de produção, de coerção e de administração sejam tomados e reestruturados, conformando uma verdadeira democracia participativa. Quando o “povo inteiro governar”, argumentava Bakunin, “não haverá governo e nem Estado”.⁴³ Wayne Price sustenta: “*o anarquismo é democracia sem o Estado.*”⁴⁴

Paul cita Uri Gordon e George Woodcock, os quais insistiram que o anarquismo é contra a “democracia”. Mas será que eles disseram aquilo que Paul sugere? Eles definiram “democracia” como imposição de decisões “coletivamente obrigatórias” aos dissidentes e, por isso, se opuseram à ela.⁴⁵ Eles não são contrários às decisões coletivas, mas somente à esta suposta coerção. Além disso, o argumento deles não seria aceito pela maioria dos anarquistas; e nem a maioria dos anarquistas considera

³⁹ Bakunin [1871b], p. 269.

⁴⁰ Van der Walt e Schmidt, 2009, p. 109.

⁴¹ Bakunin, 1990, p. 63.

⁴² Price, 2007, pp. 172-173.

⁴³ Bakunin, 1953, p. 287.

⁴⁴ Price, 2007, p. 172, grifo no original.

⁴⁵ Gordon, 2008, pp. 69-70.

preferível a tomada de decisão por consenso.⁴⁶ Contudo, isso não significa negar que a posição de Gordon/Woodcock tenha uma intenção profundamente *democrática*.

Não há nada “difícil de entender” no fato de Bakunin ter elogiado a Comuna de Paris de 1871, considerando-a a “realização prática” dos ideais anarquistas.⁴⁷ Os anarquistas desempenharam um papel central nos levantes comunalistas na França, na Espanha e na Itália naquele momento; os proudhonianos constituíram um grande bloco no Conselho da Comuna.⁴⁸ O projeto fundamental da Comuna foi antecipado em 1870, em *Cartas a um Francês*, de Bakunin, e por Proudhon, precursor imediato do anarquismo revolucionário.⁴⁹ Bakunin e Kropotkin só criticam a Comuna porque ela não foi *longe o suficiente* na coletivização e na autogestão, deixando demasiado poder ao Conselho.⁵⁰

ANARQUISMO, SINDICALISMO E ORGANIZAÇÕES POLÍTICAS ESPECÍFICAS

Paul sugere que o anarquismo nega a necessidade de organizações políticas revolucionárias, que tenham condições de conectar as lutas e trabalhar pela clareza ideológica e pela revolução.⁵¹ É verdade que há uma corrente anarquista contrária às organizações políticas específicas. No entanto, ele se equivoca quando coloca essa corrente como algo *típico*.

Muitos anarquistas/sindicalistas importantes defenderam a necessidade de organizações políticas específicas que trabalhassem com organizações de massa, como por exemplo, os sindicatos. Flores Magón enfatiza a necessidade de “uma minoria de ativação, uma minoria corajosa de libertários”.⁵² Bakunin, Flores Magón, Kropotkin, Makhno, Oiticica e Shifu também insistem na necessidade de “organizações de tendência”⁵³, com base na unidade política e na disciplina coletiva (outros preferem estruturas mais soltas).⁵⁴

⁴⁶ Van der Walt e Schmidt, 2009, pp. 70-71, 240-242, 244-247, 256-257.

⁴⁷ Blackledge, 2010, pp. 131-132, 148.

⁴⁸ Avrich, 1988, pp. 229-239.

⁴⁹ Bakunin [1870], pp. 184, 186-187, 189-192, 197, 204.

⁵⁰ Kropotkin [1880], pp. 123-124.

⁵¹ Blackledge, 2010, pp. 136, 139, 142.

⁵² Em Hodges, 1986, pp. 83-84.

⁵³ “Organização de tendência”, para o autor, significa “organização política anarquista”; não confundir com a noção de tendência que muitos sustentam no Brasil, de um agrupamento com caráter de frente que reúne um setor afim do movimento popular. (N.T.)

⁵⁴ Bakunin [1865], p. 138; cf: Van der Walt e Schmidt, 2009, capítulo 8.

“As organizações de tendência” incluem a Aliança Internacional da Democracia Socialista, a FAI da Espanha, *La Social* do México, a Sociedade de Camaradas Anarco-Comunistas da China, a Federação Anarquista Uruguaia do pós-guerra etc. Essas organizações existiram para realizar a batalha de ideias e promover a autoatividade, o contrapoder e a contracultura, não para substituir ou excluir as classes populares.

Anarquistas/sindicalistas não são “contrários à luta política” por direitos, mas salientam que elas “devem assumir a forma de ação direta”.⁵⁵ Os direitos devem ser conquistados *desde baixo*, por meio da mobilização de um contrapoder; a participação no Estado é ineficaz, corruptora. Todos salientam a importância das ideias revolucionárias para uma mudança revolucionária, uma “nova filosofia social”.⁵⁶

OS ANARQUISTAS NÃO COMPREENDEM A “TRADIÇÃO MARXISTA”?

A rejeição dos partidos leninistas surge de uma preocupação diferente: o argumento é que esses partidos criaram ditaduras. Paul acredita que os anarquistas incorrem numa “enorme incompreensão do marxismo” e Leo que *Black Flame* caricaturou o “marxismo clássico” quando chamou-o de reducionista e autoritário.⁵⁷

Mas Paul admite que o “núcleo racional” da crítica anarquista é “que as vozes mais poderosas que se afirmam marxistas no século XX eram estatistas (fossem elas stalinistas ou maoístas), que encabeçaram sistemas brutais” de “capitalismo de Estado burocrático”.⁵⁸ Leo admite que a crítica anarquista está correta *se* “Kautsky, Stálin e Mao forem incluídos no cânone marxista”.⁵⁹

Isso é suficiente. De acordo com *International Socialism* e escritores do IST, Kautsky foi “o mais proeminente teórico marxista”; Stálin representava o “marxismo soviético”, e o maoísmo um tipo de “marxismo-leninismo” etc.⁶⁰ Pelas considerações do próprio IST, então: *a principal parte* do marxismo pré-leninista foi reducionista e estatista; o marxismo dominante no século XX foi “stalinista ou maoísta”; *todos* os regimes marxistas terminaram como Estados capitalistas ditatoriais, mesmo (como

⁵⁵ Rocker [1938], pp. 64, 74, 77.

⁵⁶ Bakunin [1871a], pp. 249, 250-251.

⁵⁷ Zeilig, 2009, pp. 221-222.

⁵⁸ Blackledge, 2010, p. 133, nota 15.

⁵⁹ Zeilig, 2010, p. 222.

⁶⁰ Por exemplo, Blackledge, 2006; Harman, 2004; Rees, 1998; Renton, 2002, 2004; Banaji, 2010, introdução do editor.

indicou o falecido Chris Harman) a União Soviética que, a partir de 1921, já constituía uma “ditadura bolchevique”.⁶¹

Não sei por que Paul afirma, com tanta confiança, que a “essência” do marxismo está na “autoemancipação do proletariado”.⁶² Isso tem sido bastante *incomum* na teoria e na ação marxista, como o próprio Ian mostrou.⁶³ Tradições marxistas libertárias minoritárias como o comunismo conselhistas e o autonomismo são exceção, não o leninismo ou o “marxismo clássico”.

Leo afirma que *Black Flame* repete os “clichês que diariamente vemos nos meios de comunicação”.⁶⁴ Admito que isso é verdade se, com esta frase, ele tenha se referido aos principais veículos da imprensa marxista, grandes jornais como *Umsebenzi*, *L'Humanité*, *New Age*, *People's Democracy*, *Angve Bayan* etc. Do ponto de vista do IST, isso poderia ser uma mera “depreciação” do marxismo – mas por que os anarquistas aceitariam essa posição do IST se a maioria dos *marxistas* não aceita?

Não podemos afirmar que “a única importância do cristianismo na história encontra-se na leitura das versões inalteradas dos Evangelhos”, e ignorar 2 mil anos da Igreja e suas ramificações. O marxismo, da mesma forma, deve ser julgado por sua história e não por citações selecionadas.⁶⁵

O INÍCIO DA “DITADURA DO PROLETARIADO” NA UNIÃO SOVIÉTICA

Paul insiste que a “ditadura do proletariado” do marxismo propõe apenas que um “Estado operário” acabe com as “relações sociais de exploração”.⁶⁶ Leo acrescenta que este “conceito tão caluniado” significa somente a “defesa democrática do poder da classe trabalhadora”.⁶⁷

O problema é que não é fácil encontrar um exemplo disso no mundo real; isso constitui somente uma afirmação. Escritores como Cliff observaram esperançosos o início da União Soviética. Supostamente, “a terra [...] foi distribuída para os camponeses, as fábricas [...] foram tomadas, colocadas sob a posse do Estado [...], geridas com controle operário” e “as nacionalidades oprimidas tiveram [...]

⁶¹ Harman, 1987, p. 18.

⁶² Blackledge, 2010, p. 132.

⁶³ Birchall, 1974.

⁶⁴ Zeilig, 2010, pp. 221-222.

⁶⁵ Castoriadis, 2001, p. 77.

⁶⁶ Blackledge, 2010, pp. 146-147.

⁶⁷ Zeilig, 2010, pp. 221-222.

autodeterminação”. Se “muitas centenas de milhares” morreram, isso “não foi por causa da ação do governo soviético”.⁶⁸

Lamentavelmente, os fatos mostram que o regime de Lênin-Trotsky foi o modelo para o regime de Stálin. A terra foi nacionalizada, não “distribuída”, e “a ação do governo soviético”, com as requisições forçadas de grãos, matou milhões. Levantes camponeses foram esmagados a ferro e fogo, numa cruel ditadura exercida sobre mais de 90% da população. A indústria estava “sob a posse do Estado”, não sob “controle operário”: em 1919 os gestores individuais designados pelo Estado operavam 10,8% das empresas; em 1920, 82%.⁶⁹ As eleições do Exército Vermelho foram abolidas em março de 1918 e seu comando foi entregue a ex-oficiais czaristas e *comissários* do partido.

Cliff condena Stálin pelo taylorismo e pelo trabalho por peças/empreitada⁷⁰, mas Lênin introduziu tais políticas em 1918.⁷¹ Os sindicatos, afirma Harman, permitiram o “controle operário”.⁷² Na verdade, estes “sindicatos” eram corpos estatais em 1919, ativos na repressão das greves.⁷³ Em vez de insistir em que “as greves não eram para ser suprimidas”⁷⁴, os bolcheviques rotineiramente as esmagavam e, além disso, militarizavam a indústria.⁷⁵ O aniquilamento da revolta de Kronstadt teve inúmeros precedentes.⁷⁶

Harman alega que o bolchevismo foi o “partido da maioria” *soviética*. Isso era verdade somente em algumas cidades e durante alguns meses. Derrotados nas eleições urbanas de 1918, os bolcheviques responderam dissolvendo e esvaziando os sovietes, manipulando suas eleições e reprimindo seus oponentes.⁷⁷ O poder foi centralizado no governo (*Sovnarkom*) e no Conselho Supremo de Economia (*Vesenkha*), e contou com uma polícia secreta (*Cheka*) e com o Exército Vermelho militarizado; havia, ainda, uma burocracia estatal amplamente recrutada entre os quadros da velha ordem. Era assim que um partido impopular de 600 mil pessoas governava um império de 90 milhões de pessoas em 1920. As ordens da *Cheka* incluíam vigiar “a imprensa, os sabotadores e os

⁶⁸ Cliff, 2000, pp. 66-67.

⁶⁹ Todos os números, exceto quando indicado de outra forma, são de Shukman, 1994, pp. 29, 166, 175, 177, 182, 184, 187.

⁷⁰ Cliff [1964], pp. 30-34.

⁷¹ Devinatz, 2003.

⁷² Harman, 1987, p. 43.

⁷³ Pirani, 2010a.

⁷⁴ Cliff [1964], pp. 28, 34.

⁷⁵ Para um resumo ver McKay, *The Anarchist FAQ*, seção H 6.3.

⁷⁶ Kronstadt defendeu novas eleições abertas para sovietes; nunca pediram “sovietes sem bolcheviques”: Avrich, 1991, p. 181.

⁷⁷ Avrich, 1967, pp. 184-185; Brovkin, 1991, p. 159; Farber, 1990, p. 22; Malle, 1985, pp. 240,366-367; Rabinowitch, 2007, pp. 248-252; Schapiro, 1977, p. 191.

grevistas” e também realizar execuções sumárias.⁷⁸ Além de ter realizado 20 vezes mais execuções em cinco anos do que a polícia czarista (*Okhrana*) levou a cabo em 50 anos, ela administrou campos de concentração e de trabalho que eram “limpos de vez em quando pelos extermínios em massa”.⁷⁹

Cliff alegou que, todavia, a minoria bolchevique era internamente democrática. Em 1919, o partido era gerido de cima para baixo e contava com funcionários burocráticos (*apparatchiks*); as facções foram proibidas em 1921 e os dissidentes foram presos.⁸⁰ No início dos anos 1920, a GPU de Lênin coordenou uma vasta rede de informantes; espancamentos, torturas e estupros foram rotineiramente praticados; opositores de esquerda foram esmagados; eleições abertas dos soviets foram impedidas.⁸¹ Em vez de “autodeterminação”, o Exército Vermelho instalou regimes fantoches na Bielorrússia e na Ucrânia a partir de 1919, na Geórgia (1921), na Armênia e no Azerbaijão (1922). A Ucrânia anarquista viu seus soviets banidos, suas comunas esmagadas e seus líderes executados, apesar dos tratados formais de cooperação.⁸²

DISTINGUINDO O SOCIALISMO CONSTRUÍDO PELA BASE DO BOLCHEVISMO

É justamente porque os anarquistas e sindicalistas defendem o socialismo construído pela base que eles rejeitam o bolchevismo. Paul afirma que a crítica de Bakunin à “ditadura do proletariado” marxista – que afirmava que ela acabaria num regime de “caserna” de “capitalismo de Estado centralizado”⁸³ – é “superficial” e “absurda”.⁸⁴

No entanto, em certa medida, a teoria de Bakunin é “sustentada pelo veredicto da história”.⁸⁵ *International Socialism* tentou desculpar as ditaduras de Lênin e Trotsky fazendo referência às difíceis condições: contrarrevolução, “imperialismo”, crise econômica etc. Os “bolcheviques não tiveram escolha”, disse Harman, a não ser governarem sozinhos: a “classe que eles representavam dissolveu-se quando defendeu combater aquele poder”. Poder que, de qualquer maneira, realmente pertencia apenas

⁷⁸ Citado em Daniels, 1985, p. 90.

⁷⁹ Shukman, 1994, pp. 182-183.

⁸⁰ Avrich, 1984.

⁸¹ Avrich, 1967, pp. 234-237; Brovkin, 1998, pp. 20-26, 44-46, 52-53, 61-80, 90-93; Boletim [1923-1931]; Dubovic e Rublyov, 2009; Jansen, 1982; Pirani, 2010b.

⁸² Para um debate recente sobre o movimento anarquista “Makhnovista”, cf: McKay, 2007, pp. 30-32, 39.

⁸³ Bakunin [1872], p. 284; Kropotkin [1912], pp. 170, 186.

⁸⁴ Blackledge, 2010, pp. 133, 146-147.

⁸⁵ Compare com Blackledge, 2010, p. 133.

“àqueles que apoiavam sinceramente a revolução [...], os bolcheviques”.⁸⁶ Cliff argumenta que “a pressão do capitalismo mundial” forçou, mais tarde, os governantes da União Soviética a tornarem a economia “mais e mais similar”.⁸⁷

Leo contesta *Black Flame* por este sugerir que o marxismo clássico tende ao reducionismo econômico, mas dificilmente encontraremos uma ilustração mais exata dessa tendência do que nestes argumentos.

É contraditório afirmar que a ideologia bolchevique foi essencial para o suposto sucesso da revolução e também insistir que ela não teve nenhum impacto nos resultados da revolução. É contraditório condenar todas as experiências anarquistas (como no caso da Espanha), como se fossem resultado exclusivo da ideologia e não do contexto, mas perdoar todas as experiências marxistas (como no caso da Rússia), como se fossem resultado exclusivo do contexto e não da ideologia.

A menos que Leo siga o determinismo “sem escolhas” que diz rejeitar, ele deve reconhecer que algumas *escolhas* ainda são possíveis quando se combate forças sem rosto como o “imperialismo”. Se ele reconhece isso, não pode negar a culpa dos bolcheviques na destruição da “defesa democrática do poder da classe trabalhadora”. Se não, dificilmente poderia condenar Stálin, que enfrentou a “pressão do capitalismo mundial”.

As escolhas dos bolcheviques levaram diretamente à ditadura do partido único mesmo antes de a guerra civil começar (maio de 1918) e ela perdurou muito depois de seu término (novembro de 1920). Isso ocorreu justamente porque os bolcheviques insistiram (como revelado por Harman) que somente eles mereciam poder: todos os rivais eram automaticamente contrarrevolucionários.⁸⁸ Confrontado com o repúdio popular – pelos camponeses e pelo proletariado, embaraçosamente e na verdade não “dissolvido”, nos sovietes e nas ondas de greve de 1918, 1919 e 1921 –, o partido abraçou a lógica do poder a qualquer custo.

Apesar de alguns elementos genuinamente democráticos no pensamento de Lênin, sua dinâmica geral era simples: substitucionismo.⁸⁹ Mesmo *O Estado e a Revolução* não aborda a contestação política nos sovietes: o “partido dos trabalhadores” irá “dirigir e organizar o novo sistema”.⁹⁰ Ao contrário de Leo, que tem esperanças na

⁸⁶ Harman, 1987, pp. 19-20.

⁸⁷ Cliff, 2000, pp. 29-30.

⁸⁸ Cf., por exemplo, Lenin [1918], p. 599.

⁸⁹ Price, 2007, pp. 128-129; Tabor, 1988, pp. 93-104.

⁹⁰ Lenin [1917], p. 255.

democracia, Lênin insistiu que “a ditadura do proletariado *não pode* ser exercida por meio de uma organização que abarque toda aquela classe. [...] Ela pode ser exercida apenas por uma vanguarda”.⁹¹ Esta estava, disse Trotsky, “autorizada a afirmar a sua ditadura, mesmo que esta ditadura entrasse temporariamente em conflito com os ânimos efêmeros da democracia dos trabalhadores”.⁹²

O mesmo valeria para o socialismo, que deveria ser estabelecido de cima para baixo: “organizar toda a economia nas linhas do serviço postal [...], tudo sob o controle e a direção do proletariado armado” (isso significa o partido), “que é o nosso objetivo imediato”.⁹³ As “massas trabalhadoras” devem “ser jogadas aqui e ali, ordenadas, comandadas” e os “desertores” devem “conformar batalhões punitivos” ou ser enviados para “campos de concentração”.⁹⁴ Lênin e Trotsky foram assumidamente contrários à autogestão⁹⁵ e a Oposição de Esquerda de Trotsky defendeu a industrialização forçada muito antes de Stálin.⁹⁶

Antes que alguém diga que eu selecionando as citações, é importante notar que os bolcheviques agiram *precisamente* como sugerem estas linhas citadas; o sistema de conselhos de *O Estado e a Revolução* existia apenas em palavras e num panfleto incompleto.

QUAL TRADIÇÃO DEVE SER OBSERVADA PARA A RESISTÊNCIA DE HOJE?

Defender a Revolução Russa das críticas liberais e conservadoras é louvável. Confundir isso com a defesa do regime bolchevique que destruiu a revolução é um erro grave.

Para reivindicar o socialismo, temos de recuperar suas tradições democráticas, participativas e revolucionárias, suprimidas pelo marxismo-leninismo. Isso exige que os marxistas sinceros se envolvam seriamente – e que não queiram dar aulas, cheios de arrogância – com a chama negra do anarquismo e do sindicalismo, com sua visão alternativa de comunismo libertário, de processo revolucionário e de democracia radical.

⁹¹ Lenin, [1920], p. 21, grifos adicionados.

⁹² Trotsky, 10º Congresso do Partido, em Farber, 1990, p. 203.

⁹³ Lenin [1917], p. 273; também Lenin [1918], pp. 258, 269.

⁹⁴ Trotsky, 9º Congresso do Partido, em Brinton, 1970, p. 61; Trotsky [1920], pp. 150-151.

⁹⁵ Lenin [1918], pp. 258, 269; Trotsky [1920] 1921, pp. 150-151; cf. também: Brinton, 1970.

⁹⁶ Marot, 2006.

REFERÊNCIAS

ABAD DE SANTILLAN, Diego. [1937] *After the Revolution: Economic Reconstruction in Spain*. Zabalaza Books, 2005.

ANDERSON, Benedict. *Under Three Flags: Anarchism and the Anti-Colonial Imagination*. Verso, 2006.

AVRICH, Paul. *The Russian Anarchists*. Princeton University Press, 1967.

_____. “Bolshevik Opposition to Lenin: GT Miasnikov and the Workers’ Group”. *Russian Review*, 43/1, 1984.

_____. *Anarchist Portraits*. Princeton University Press, 1988.

_____. *Kronstadt 1921*. Princeton University Press, 1991.

BAKUNIN, Mikhail. [1865] “The International Revolutionary Society or Brotherhood”. In: Daniel Guérin (org.), *No Gods, No Masters*, livro 1. AK Press, 1998.

_____. [1869]. “The Programme of the International Brotherhood”. In:

DOLGOFF, 1971. [<http://anarchistplatform.wordpress.com/2010/06/17/the-programof-the-international-brotherhood/>]

_____. [1870] “Letters to a Frenchman on the Current Crisis”. In:

DOLGOFF, 1971. [www.marxists.org/reference/archive/bakunin/works/1870/letterfrenchman.htm]

_____. [1871a] “The Programme of the Alliance”. In: DOLGOFF, 1971.

[www.marxists.org/reference/archive/bakunin/works/1871/program.htm]

_____. [1871b] “The Paris Commune and the Idea of the State”. In:

DOLGOFF, 1971. [<http://flag.blackened.net/daver/anarchism/bakunin/paris.html>]

_____. [1872] “Letter to La Liberté” In: DOLGOFF, 1971.

[www.marxists.org/reference/archive/bakunin/works/1872/laliberte.htm]

_____. *The Political Philosophy of Bakunin*. Free Press/Collier-Macmillan, 1953.

_____. *Marxism, Freedom and the State*. Freedom Press, 1990.

BANAJI, Jairus. “The Ironies of Indian Maoism”, *International Socialism* 128 (outono), 2010. [www.isj.org.uk/?id=684]

BIRCHALL, Ian. *Workers against the Monolith: The Communist Parties since 1943*. Pluto, 1974.

_____. “Another Side of Anarchism”, *International Socialism* 127 (verão),

2010. [www.isj.org.uk/?id=663]

- BLACKLEDGE, Paul. "Marxism and Anarchism", *International Socialism* 125 (inverno), 2010. [www.isj.org.uk/?id=616]
- _____. "The New Left's Renewal of Marxism", *International Socialism* 112 (inverno), 2006. [www.isj.org.uk/?id=251]
- BRINTON, Maurice. *The Bolsheviks and Workers Control, 1917-1921*. Solidarity, 1970.
- BROVKIN, Vladimir. *Russia after Lenin*. Routledge, 1998.
- _____. *The Mensheviks after October*. Cornell UP, 1991.
- BULLETIN OF THE JOINT COMMITTEE FOR THE DEFENCE OF REVOLUTIONISTS [1923-1931] *The Tragic Procession: Alexander Berkman and Russian Prisoner Aid*. Kate Sharpley Library/Alexander Berkman Social Club, 2010.
- CASTORIADIS, Cornelius. "The Fate of Marxism". In: ROUSSOPOULUS, Dimitrious (org.), *The Anarchist Papers*. Black Rose, 2001.
- CHAPLIN, R. [1933] *The General Strike*. IWW, 1985.
- CLIFF, Tony. [1964] *State Capitalism in Russia*. Bookmarks, 1988. [www.marxists.org/archive/cliff/works/1955/statecap]
- _____. *Marxism at the Millennium*. Bookmarks, 2000. [www.marxists.org/archive/cliff/works/2000/millennium/index.htm]
- CNT [1º de maio de 1936]. *Resolution on Libertarian Communism as Adopted by the Confederacion Nacional Del Trabajo*. Zaragoza, 1º de maio de 1936. Zabalaza Books.
- DANIELS, RV (org.) *A Documentary History of Communism*, vol. 1. I.B. Tauris, 1985.
- DEVINATZ, Victor G. "Lenin as Scientific Manager under Monopoly Capitalism, State Capitalism, and Socialism", *Industrial Relations*, 42/3, 2003.
- DOLGOFF, Sam (org.). *Bakunin on Anarchy*. George Allen and Unwin, 1971.
- DRAPER, Hal. *Two Souls of Socialism*, 1966. [www.anu.edu.au/polsci/marx/contemp/pamsetc/twosouls/twosouls.htm]
- DUBOVIC, Anatoly; DI Rublyov. *After Makhno: The Anarchist Underground in the Ukraine in the 1920s and 1930s*. Kate Sharpley Library, 2009.
- ENGELS, Friedrich. [1873] "On Authority". In: MARX, ENGELS, LENIN. *Anarchism and Anarcho-Syndicalism*. Progress Publishers, 1972. [www.marxists.org/archive/marx/works/1872/10/authority.htm]
- EPSTEIN, Barbara. "Anarchism and the Anti-Globalisation Movement", *Monthly Review*, 53/4, 2001.

FARBER, Samuel. *Before Stalinism: The Rise and Fall of Soviet Democracy*. Verso, 1990.

FRIENDS OF DURRUTI. [1938, 1978] *Towards a Fresh Revolution*, Zabalaza Books.

GOAMAN, Karen. “The Anarchist Travelling Circus: Reflections on Contemporary Anarchism, Anti-Capitalism and the International Scene”. In: PURKIS, Jonathan; BOWEN, James (orgs.) *Changing Anarchism*. Manchester UP, 2004.

GÓMEZ CASAS, Juan. *Anarchist Organisation: The History of the FAI*. Black Rose, 1986.

GORDON, Uri. *Anarchy Alive!* Pluto, 2008.

HARMAN, Chris. [1968] “How the Revolution Was Lost”. In: BINNS, Pete et alli (org.) *Russia: From Workers’ State to State Capitalism*. Bookmarks, 1987.

_____. “Pick of the Quarter”. *International Socialism* 104 (outono), 2004. [www.isj.org.uk/?id=17]

HODGES, Donald. *Intellectual Foundations of the Nicaraguan Revolution*. Texas University Press, 1986.

HOLLOWAY, John. *Change the World Without Taking Power*. Pluto Press, 2005.

JANSEN, Marc. *A Show Trial under Lenin: The Trial of the Socialist Revolutionaries, Moscow 1922*. Springer, 1982.

KEFFER, Tom “Marxism, Anarchism and the Genealogy of ‘Socialism from Below’”. *Upping the Anti: A Journal of Theory and Action* 2, 2005.

KROPOTKIN, Pyotr. [1880] “The Commune of Paris”. In: MILLER, Martin (org.). *Selected Writings on Anarchism and Revolution*. MIT Press, 1970. [http://dwardmac.pitzer.edu/anarchist_archives/kropotkin/pcommune.html]

_____. [1912] “Modern Science and Anarchism”. In: BALDWIN, RN (org.). *Kropotkin’s Revolutionary Pamphlets*. Dover Publications, 1970. [http://dwardmac.pitzer.edu/anarchist_archives/kropotkin/science/toc.html]

LENIN, VI. [1917]. “The State and Revolution”. In: *Selected Works*, vol. 2. Progress, 1975.

_____. [1918] “The Immediate Tasks of the Soviet Government”. In: *Collected Works*, 27. Progress, 1962.

_____. [1920] “The Trade Unions, the Present Situation and Trotsky’s Mistakes”. In: *Collected Works*, 27. Progress, 1962.

MALLE, Silvana. *The Economic Organisation of War Communism, 1918-1921*. Cambridge UP, 1985.

- MAROT, John Eric. "Trotsky, the Left Opposition and the Rise of Stalinism". *Historical Materialism*, 14/3, 2006.
- MAURA, J Romero. "The Spanish Case". In: APTER, David; JOLL, James (orgs.). *Anarchism Today*. Macmillan, 1971.
- MCKAY, Iain. *The Anarchist FAQ*, sem data. [<http://anarchism.pageabode.com/afaq>]
- _____. "On the Bolshevik Myth", *Anarcho-Syndicalist Review* 47, 2007. [www.syndicalist.org/archives/asr41-50/McKay47.shtml]
- MEYER, Gerald. "Anarchism, Marxism and the Collapse of the Soviet Union", *Science and Society*, 67/2, 2003.
- PAZ, Abel. *Durruti: The People Armed*. Black Rose, 1987.
- PIRANI, Simon. "Socialism in the 21st Century and the Russian Revolution", *International Socialism* 128 (outono), 2010a. [www.isj.org.uk/?id=687]
- _____. "Detailed Response to Kevin Murphy", 2010b. [www.revolutioninretreat.com/isjreply.pdf]
- PRICE, Wayne. *The Abolition of the State: Anarchist and Marxist Perspectives*. AuthorHouse, 2007.
- RABINOWITCH, Alexander. *The Bolsheviks in Power: The First Year of Soviet Rule in Petrograd*. Indiana University Press, 2007.
- REES, John. *The Algebra of Revolution: The Dialectic and the Classical Marxist Tradition*. Routledge, 1998.
- RENTON, David. *Classical Marxism: Socialist Theory and the Second International*. New Clarion Press, 2002.
- _____. *Dissident Marxism: Past Voices for Present Times*. Zed Books, 2004.
- ROCKER, R. [1938] *Anarcho-Syndicalism*. Pluto, 1989.
- SCHAPIRO, Leonard. *The Origin of the Communist Autocracy: Political Opposition in the Soviet State First Phase 1917-1922*. Harvard University Press, 1977.
- SHUKMAN, Harold (org.). *The Blackwell Encyclopaedia of the Russian Revolution*. Wiley-Blackwell, 1994.
- TABOR, Ron. *A Look at Leninism*. Aspect Foundation, 1988.
- THORPE, Wayne. "The Workers Themselves": *Revolutionary Syndicalism and International Labour 1913-23*. Kulwer Academic Publishers/ IISH, 1989.

TROTSKY, Leon. [1920] *The Defence of Terrorism*. The Labour Publishing Company/George Allen and Unwin, 1921.

VAN DER WALT, Lucien; SCHMIDT, Michael. *Black Flame: The Revolutionary Class Politics of Anarchism and Syndicalism*. AK Press, 2009.

ZEILIG, Leo. “Contesting the Revolutionary Tradition”. *International Socialism* 127 (verão), 2010. [www.isj.org.uk/?id=674]